

Prefácio

Na noite de sexta-feira do dia primeiro de março de 1968, com a idade de sessenta e oito anos, Martyn Lloyd-Jones foi para o seu púlpito, como de costume, na Capela de Westminster, Londres, para pregar sobre a Epístola aos Romanos. As poucas folhas de anotações que ele levou consigo foram numeradas como o seu 372º sermão da série sobre Romanos, iniciada dez anos e meio antes, no dia 7 de outubro de 1957. Ele tinha chegado agora ao capítulo 14, versículo 17: “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo”, e, embora não o soubesse, naquela noite, comentando a palavra “paz”, ele concluiria seu ministério de trinta anos no coração de Londres.

Para muitos dos seus mil ou mais ouvintes das noites de sexta-feira, esse ministério duraria mais que toda a sua vida, e que pudesse terminar repentinamente estava longe dos seus pensamentos. Mas o que ele sempre dizia sobre a “vida e peregrinação terrena curta e incerta” era verdade; antes de poder voltar ao púlpito na manhã do domingo seguinte, o diagnóstico indicou uma condição que levou a uma cirurgia e, dois meses depois, em maio, à decisão de aposentar-se. Dificilmente se poderia pensar em palavras mais características da sua vida e ministério do que as do texto dessa primeira sexta-feira de março de 1968. Certamente não seria essa a sua própria estimativa; com toda a seriedade ele disse mais tarde a um grupo de ministros que ele havia sido impedido antes de completar o versículo 17 porque ainda não estava preparado para pregar sobre a “alegria no Espírito Santo”.

Com sua firme fé na absolutamente abrangente providência de Deus, o Dr. Lloyd-Jones não ficou desanimado com a súbita conclusão em Westminster. Durante anos tinha sido sua preocupação que lhe fosse dado tem-

po para preparar alguns dos seus sermões sobre “a mais grandiosa Epístola de Paulo” para publicação, e ele via o encerramento do seu ministério pastoral como a oportunidade dada por Deus para o cumprimento desse desejo. Contudo, não havia nenhum precedente moderno que indicasse como o público reagiria a um *magnum opus* (magna obra) sobre Romanos envolvendo muitos volumes. Na verdade, o pregador nunca previu o encaminhamento da obra toda à imprensa. Sua proposta inicial aos seus editores era um primeiro volume, começando em Romanos 3.20, com o título “O Coração de Romanos”, em parte para testar o mercado. Constatamos esse título com base no fato de que pareceria um aviso de que a publicação da série toda não estava em vista. Houve acordo, e esse título foi abandonado, mas o primeiro volume foi sobre Romanos 3.20-4.25, e intitulado Expição e Justificação. Em seu Prefácio de julho de 1970, ano da publicação, o autor falou da sua esperança de “vários volumes”.

Essa esperança foi excedida em tal medida que agora, com o presente volume, a totalidade da sua obra (sobre Romanos) está disponível desde o capítulo primeiro, versículo primeiro. Seria forçar os registros que sobrevivem dizer quantos exemplares dos volumes, separadamente, foram vendidos até hoje; a marca de um milhão foi ultrapassada há muitos anos, e vários volumes também tiveram um editor americano.

Assim como o ministério público de Lloyd-Jones sobressaiu como amplamente diferente da maior parte da pregação contemporânea, assim também sua obra *Romanos* entrou nas livrarias com uma força de atração que pegou muitos de surpresa. Não poucos achavam que a natureza do seu ministério no púlpito inibiria a sua continuidade no papel impresso – “Ele precisava ser ouvido, não lido”. Todavia, os que tinham essa opinião estavam localizando mal o ponto em que sua força jazia. Jazia, primeiramente, na verdade que ele proferia, não em sua comunicação. Além disso, o seu conceito geral de pregação significava que ele se dirigia ao coração e à consciência, como também à mente, e esse tipo de material de sermão nunca deixou de prender a atenção dos leitores, bem como dos ouvintes. O tempo haveria de provar que a sua mensagem alcançaria muito mais pessoas por seus livros do que jamais seria possível mesmo ao seu ministério tão difundido. Acresce que os livros seriam traduzidos para muitas línguas, e a sua obra, *Romanos*, seria lida por milhares, em nações que se estendem do Brasil à Coreia.

Quando o primeiro volume da série intitulada *Romanos* veio à luz em 1970, um resenhista da revista *Christianity Today* escreveu: “Este não é um livro mediano ou comum. Tampouco você o lerá indiferentemente. É o tipo de livro que vai agarrar sua mente e seu coração... já faz muito tempo que não leio um livro de que tenha gostado tanto como este”. Para uns, os volumes da série sobre Romanos têm sido literalmente o meio pelo qual eles foram introduzidos no reino de Deus. Para outros, seu ensino causou verdadeira revolução no pensamento e mudou ministérios.

Parte alguma deste material teria sido possível obter, não fossem as gravações em fita, pois os esboços do pregador consistiam pouco mais de títulos ou divisões e ideias principais. Assim, o conteúdo de todos os volumes passou à forma de originais para a imprensa como foi tomado das gravações. Foi então o Dr. Lloyd-Jones que, até sua morte ocorrida em 1981, assumiu a maior parte do trabalho para a edição, e a palavra final era sempre dele. Esse processo ele empreendeu com muita reflexão e cuidado, com a assessoria da Sra. Lloyd-Jones, sua filha mais velha, *Lady* Catherwood e o Sr. S. M. Houghton (que morreu em 1987). A Sra. Lloyd-Jones continuou envolvida nos trabalhos de edição até sua morte, em 1991, e dessa data em diante *Lady* Catherwood tem sido a única responsável, com a inapreciável cooperação da Sra. Rhona Pipe, de Watermark. Os princípios com base nos quais os trabalhos de edição foram empreendidos permaneceram os mesmos o tempo todo.

Em nome dos editores, eu gostaria de expressar a nossa gratidão às filhas do Dr. Lloyd-Jones, *Lady* Catherwood e Sra. Ann Beatt, e suas famílias, pela feliz relação de que pudemos compartilhar durante tanto tempo. Acima de tudo, juntamo-nos a todos quantos dão graças a Deus pelo ministério do seu servo. Que a glória seja dada unicamente a Deus era a principal preocupação do autor, glória em cujo gozo ele agora entrou, em toda a sua plenitude.

IAIN I. MURRAY
Edimburgo Agosto de
2003

1

“Ora, quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o, não em contendas sobre dívidas”
(Romanos 14.1).

Chegamos agora ao começo do capítulo 14, e aqui passamos a outra subdivisão desta segunda parte maior da Epístola aos Romanos. A grande divisão desta Epístola, por certo vocês se lembram, é a seguinte: os onze capítulos iniciais tratam de assuntos doutrinários; depois, no início do capítulo 12, o apóstolo passa a considerar a aplicação da doutrina na prática e no viver diário.

É muito importante entender o método do apóstolo, não somente para que possamos entender o contexto dos versículos em estudo, mas também a fim de que possamos fazer a devida apreciação da maravilha e do encanto das Escrituras. A mente deste grande apóstolo me fascina. Gosto do seu modo de pensar. Ele sempre procede à sua própria maneira. Por isso, é importante que compreendamos algo da argumentação de Paulo neste ponto.

Lembrem-se de que nos dois versículos iniciais do capítulo 12 ele introduz toda a divisão prática com as palavras: “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, perfeita e agradável vontade de Deus”. E devemos começar por esses dois versículos, porque todo o conteúdo do capítulo catorze é coberto por essa introdução.

Que é que o apóstolo faz nesta parte prática? Bem, permitam-me oferecer-lhes um apressado resumo dos capítulos 12 e 13. Antes de mais nada, ele fala das nossas relações com outros membros da igreja no que se

refere aos nossos dons espirituais, mostrando que podem surgir problemas e desarmonia por não se entender a verdade concernente a este ensino. E depois ele prossegue e trata de outros aspectos da nossa relação com outros cristãos, antes de abrir um pouco mais a discussão para tratar das nossas relações pessoais com os que não são cristãos. As Escrituras são muito práticas. Tornar-se cristão não resolve todos os seus problemas. Você continua a viver neste mundo e com as pessoas como elas são. E por isso o apóstolo considera todos estes assuntos (*Ver Romanos: Exposição do Capítulo 12: A Conduta Cristã*).

Depois, no princípio do capítulo 13, o apóstolo nos dá valioso conselho e ensino com vistas à importante questão da relação do cristão com “as potestades que há” – reis, príncipes, magistrados, presidentes, governadores, tudo aquilo que está envolvido na concepção do Estado (*Ver Romanos: Exposição do Capítulo 13: Vida em Dois Reinos*). E nos faz um grande apelo em termos da lei: “O cumprimento da lei é o amor”, diz ele (13.10). Cumpram, pois, a lei, façam estas coisas, e estarão cumprindo a lei do amor.

E, finalmente, o apóstolo esclarece o seu ensino e no-lo impõe, lembrando-nos que o nosso tempo neste mundo é muito limitado, muito curto. Na verdade, o tempo do mundo inteiro é limitado: “A noite é passada, e o dia é chegado” (versículo 12), e, dentre todas as pessoas, nós devemos dar-nos conta disso. Todas as nossas atividades e toda a nossa conduta sempre devem ser vistas à luz da eternidade, à luz desta gloriosa esperança que contemplamos e em direção à qual marchamos.

Mas agora, no capítulo 14, o apóstolo se dedica a outro assunto. Por isso digo que temos aí uma nova subdivisão.

Lembrem-se de que ainda estamos sob o título geral referente à conduta e à nossa relação com outras pessoas, dentro ou fora da igreja, e aqui ele retorna à nossa relação com pessoas de dentro da igreja.

Vocês veem o método de Paulo? Ele tinha tratado dos grandes, dos maiores, problemas e relações, e, tendo feito isso, passa a tratar de questões mais particulares. No entanto, ainda são problemas que tendem a inquietar os cristãos, são problemas que tendem a deixar-nos transtornados, e, acima de tudo, são problemas que tendem a dividir-nos; por isso ele os considera. Claro está que ele se ocupa destes problemas porque estavam de fato criando dificuldade para a igreja da cidade de Roma, mas nós sa-

bemos que eles têm dado surgimento a dificuldades através dos séculos, até o presente.

Quais são, então, esses problemas? Bem, aqui Paulo está primariamente preocupado com as chamadas “questões indiferentes”. Este assunto é muito importante. Existem questões relacionadas com a vida cristã que são absolutamente essenciais. Há, porém, outras que são muito importantes mas que não são essenciais, e é concebível que os cristãos tenham diferentes pontos de vista sobre elas, como veremos. É por isso que geralmente se faz referência a essas questões como “questões indiferentes”. As que o apóstolo toma em particular são as concernentes a comer e beber, e a de separar dados dias como “dias santos”.

É esse, então, o tema desta subdivisão. É interessante perguntar: esse ponto sobre “questões indiferentes” tem alguma conexão com o imediatamente anterior? Penso que talvez tenha. Não quero ser muito dogmático, porém decerto vocês lembram como Paulo terminou a parte anterior: “Andemos honestamente, como de dia: não em glotonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências” (“...e não façais provisão para a carne, para cumprir os seus desejos”, VA e “...e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne”, NVI).

Pois bem, penso que é apenas possível que, ao referir-se a “glotonarias” e “bebedeiras”, e ao perigo de abrir caminho para a licenciosidade, para a luxúria e para os excessos, o apóstolo pensa imediatamente no oposto disso, que é uma espécie de escrupulosidade mórbida com relação à conduta. Naturalmente não podemos provar isso, mas me parece que a discussão do capítulo 14 é uma decorrência lógica do capítulo 13. Há pessoas cujo perigo é algum tipo de excesso, porém há outras que tendem a ir para o outro extremo, e aqui Paulo se ocupa do caso de tais pessoas.

Lembro a vocês que a divisão das Escrituras em versículos e capítulos não é divinamente inspirada. Foi só relativamente há pouco tempo que as Escrituras foram divididas dessa maneira, e não concordamos necessariamente com a divisão que foi feita. Aqueles que a fizeram eram apenas homens como nós, e eu penso que neste ponto eles perderam o rumo. Sugiro-lhes que a divisão natural vem, não no fim do capítulo 13, e sim, no fim do versículo 4 do capítulo 15.